

ENFERMAGEM – UNIFRA

XI JORNADA INTERNACIONAL DE ENFERMAGEM DA UNIFRA.

TEMA: FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO: REPENSANDO SABERES E INOVANDO PRÁTICAS

PERÍODO: 31.05 – 02.06. 2011

PALESTRA DE ENCERRAMENTO

TEMA: "REPENSANDO O SER E FAZER ENFERMAGEM NA CONTEMPORANEIDADE".

Data: 02.06.2011.

## REPENSANDO O SER E FAZER ENFERMAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

Ele (Merleau-Ponty) sabia que o trabalho filosófico não se faz nos fóruns mas na solidão”. Palavras de Pontalis in Merleau-Ponty. Filosofia como corpo e existência p.35.

### INTRODUÇÃO

O filosofar entende a filosofia, não como explicação ou resposta às questões, mas como reflexão circular. Assim, a filosofia não exercerá função de responder, de condenar ou de aplaudir, mas de despertar reflexões, tocar consciências e promover debates.

As palavras, que anunciam o tema, traçam limites que se assemelham às linhas do horizonte. Cenário que pode provocar reações contraditórias. Para uns pode parecer falta de objetividade e de clareza. São aqueles que pensam dentro os parâmetros da cientificidade, onde todas as premissas da questão devem gozar de objetividade e de univocidade. O seu significado deve ser evidente. Somente assim é possível chegar a uma conclusão final verdadeira. Para outros, entretanto, esta aparente fluidez semântica pode inspirar a imaginação a pensar com liberdade. Pensar com liberdade significa pensar de diferentes maneiras, e admitir que a solução não está numa só resposta. As palavras podem ter diferentes interpretações, os fatos podem oferecer múltiplas compreensões.

Estas observações permitem distinguir dois modelos de construir saberes. Um científico, outro poético. O paradigma científico não necessita apresentações. A escola, em todos os seus graus, está estruturada sobre as práticas e o ensino científicos. A ciência é o único conhecimento que merece credibilidade, e oferece segurança para intervir na realidade, porque ele é a representação objetiva de qualquer objeto ou fato. Esta crença está baseada na adoção de procedimentos corretos de acessá-los, cujo resultado possibilita representá-los idealmente através de conceitos, definições e fórmulas. Conteúdos de ensino/aprendizagem e referências

indispensáveis para aplicação prática. Referente a esta crença, Francisco Varela escreveu: “Nossa tradição ocidental na sua totalidade privilegiou, (obviamente, com algumas variantes), esta idéia que o conhecimento é um espelho da natureza”.<sup>1</sup> Razão pela qual, todos privilegiam os modelos da cientificidade tanto para pensar, tanto para agir. Poucos ousam pensar, menos ainda agir, poeticamente

O paradigma poético, (se assim pode ser chamado), merece uma consideração inicial. O termo poético deve ser entendido no sentido original da tradição grega de “poiesis”, que significa criação, criatividade. Desta maneira o saber preserva a subjetividade, ou a intencionalidade do criador, uma contribuição trazida recentemente à estrutura conceitual daquilo que chamamos de ciências cognitivas.<sup>2</sup> A rigor, considerando as exigências da cientificidade moderna, todas as ciências humanas podem ser incluídas no paradigma poético. A filosofia, em especial a fenomenologia, certamente, tem lugar cativo na esfera da poética. Heidegger em vários de seus últimos escritos desenvolve reflexões sobre poemas, entre eles merece destaque essa passagem de um poema de Höderlin: “... poeticamente habita o homem...”<sup>3</sup> A reflexão heideggeriana gira em torno da idéia central de que o homem vive, atualmente, tecnicamente o mundo, mas é possível vivê-lo poeticamente como propõe o poeta Höderlin. A vivência técnica levou o homem a dominar e explorar o mundo; pela vivência poética o homem comunga da criação.

Para concluir esta introdução, duas palavras sobre a divisão entre ciências exatas ou naturais (Naturwissenschaften), e ciências humanas ou do espírito (Geistwissenschaften). A divisão pertence ao universo epistemológico tendo como base ao processo de produção de conhecimentos, que, por sua vez, atende aos interesses de cada época. Sob o ponto de vista do construtor destes processos não haveria diferença, porque todos eles são obra do ser humano. Novamente, Francisco Varela mostra com muita clareza e autoridade apresenta sua constatação. “Cada época da história da humanidade produz, pelas suas práticas sociais quotidianas e pela sua linguagem, uma estrutura imaginária. A ciência é uma parte integrante dessas práticas sociais e as teorias científicas da natureza representam apenas uma dimensão dessa estrutura imaginária”.<sup>4</sup> Pode-se concluir que o paradigma epistemológico das ciências modernas é resultante da criatividade humana ocidental a partir do século XVII. “É óbvio, conclui Varela, a ciência, sendo uma atividade social, é atravessada por correntes de poder que dão a algumas vozes mais autoridade do que a outras”.<sup>5</sup>

No confronto destes dos tipos de saberes, não resta dúvida que as chamadas ciências humanas, em especial a filosofia, foram relegadas a um segundo plano. Elas não interessam diretamente como base teórica do sistema produtivo, seja em termos econômicos, seja em termos epistemológicos. No primeiro caso elas não visam os bens de mercado. No segundo caso elas não pretendem dar explicações ou apresentar resultados, mas compreender os valores, especialmente éticos, presentes em todo processo de desenvolvimento humano. No que se refere à filosofia fenomenológica e

---

<sup>1</sup> Varela, F. Connaître: les sciences cognitives tendances et perspectives. P. 92. Título original Cognitive Science. A Cartography of Current Ideas 1988.

<sup>2</sup> Varela, F. Op. Cit. P.14.

<sup>3</sup> Heidegger, M. Essais et Conférences. P.224.

<sup>4</sup> Varela. F. Op. Cit. P. 9-10..

<sup>5</sup> Varela, F. Op. Cit. P.12.

hermenêutica, fica claro ao lembrar essas palavras de Heidegger: “O que parece ser aqui uma resposta não é que um sinal que guia o questionamento”.<sup>6</sup> Esta caminhada fenomenológico-hermenêutica deve tratar, como recomenda Husserl, de descrever a natureza e de identificar os possíveis sentidos que o homem lhe atribui, inclusive os científicos.<sup>7</sup>

Portanto o tema da jornada é de extrema atualidade e representa um desafio, talvez enigma, não tão fácil de decifrar, porque de infinita complexidade. A complexidade uma palavra-chave para designar os esforços na busca de outro paradigma de todas as iniciativas epistemológicas.

O tema desta palestra se torna ainda mais desafiante, pois estabelece o ser e fazer enfermagem, que é uma organização acadêmica e profissionalizante, (o tema central fala em formação profissional do enfermeiro), portanto, num primeiro momento, parece requerer uma fundamentação científica e técnica, em lugar de uma reflexão filosófica, especialmente quando esta é assumida como filosofar, mais que filosofia propriamente dita. O filosofar entende a filosofia, não como explicação ou resposta às questões, mas como reflexão circular. Assim, a filosofia não exercerá função de responder, de condenar ou de aplaudir, mas de despertar reflexões, tocar consciências e promover debates.

O desafio é: **Repensando o ser e o fazer enfermagem na contemporaneidade.**

## PELOS CAMINHOS DA HERMENÊUTICA

Na introdução foi dito que as palavras que anunciam o tema desta palestra, oferecem limites de abrangência comparáveis às linhas do horizonte, entretanto elas balizam diferentes possibilidades de descrever a paisagem e identificar o perfil dos personagens sugeridos. A minha tarefa, se bem entendi, deve construir um cenário para que cinco atores, representados pelas palavras-chave, falem para nós e entre si: 1) Repensando; 2) Ser; 3) Fazer; 4) Enfermagem; 5) Contemporaneidade. (Artigos, preposições e conjunções são atores menores, sem serem desconsiderados).

Uma vez conhecidos os atores, é só deixá-los entrar em cena e escutar suas falas. Sim, nos avisa Paul Ricoeur, as palavras falam, antes de serem faladas. Cada uma tem sua voz e a história do acervo de suas significações. E Michel Foucault completa ao afirmar que “antes de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela muito além de qualquer começo. E gostaria me aperceber de que no momento de falar uma voz sem nome me precede desde muito tempo”.<sup>8</sup> Portanto, a filosofia hermenêutica parte do princípio que as palavras fazem parte de um discurso, um logo discurso, às vezes, com tradição milenar, mas que continuam falando no presente arrastando consigo uma imensa riqueza semântica.

Identificados os atores, e estabelecido o referencial metodológico hermenêutico, falta, apenas, entrar no exercício do diálogo entre as palavras e os

<sup>6</sup> Heidegger, Martin. *Chemins qui ne mènent nulle part*. Contracapa.

<sup>7</sup> Husserl, E. *La crise des sciences européennes ET la phénoménologie transcendentale*. P.10-15 e 309.

<sup>8</sup> Foucault, Michel. *L'Ordre du Discours*. P. 7.

interpretes. Aqui entra em ação, mais ou menos, a subjetividade de cada um. A subjetividade não é arbitrariedade. A subjetividade está enraizada desde a nossa estrutura biológica passando pela formação escolar e acadêmica até o universo cultural ao qual cada falante ou ouvinte pertence. O perfil da subjetividade recebe o desenho original de cada pessoa. Cada sujeito, ser humano, ocupa um lugar social, do qual observa o mundo e anuncia seu discurso.

Neste sentido é bom lembrar que o autor desta reflexão possui uma formação filosófica. A filosofia racionalista predominou no curso de graduação. A opção pessoal foi pela filosofia existencialista. Na pós-graduação, sem abandonar o existencialismo, as pesquisas se concentraram na filosofia da linguagem na perspectiva hermenêutica.

Dito isto como justificção da opção pelo tipo de trabalho e, especialmente, como referência para que cada um possa orientar sua participação no desenvolvimento desta reflexão, chegou o momento de enfrentar o desafio maior, abordar o tema proposto.

Não se pode negar que os termos dos enunciados do tema estabelecem alguns limites de seus horizontes semânticos. A ciência prefere fixar a semântica, unificando-a. A hermenêutica se preocupa com todos os possíveis sentidos da linguagem. Admite a polissemia do discurso.

Portanto, o primeiro passo será buscar na hermenêutica o bilhete, ou o Fio de Ariadne, para ingressar no labirinto da complexidade semântica das palavras e do discurso. Será preciso construir o caminho, talvez, melhor dito fazer a caminhada, já que o caminho dos dicionários não é suficiente.<sup>9</sup>

## PRIMEIRO ATOR: REPENSANDO

Para começar duas perguntas: que palavra é repensando? E, o que fala? Todos sabem que repensando é classificado pela gramática como gerúndio do verbo repensar. E o gerúndio é uma das formas nominais de um verbo.<sup>10</sup> E a fala gerúndio anuncia simplesmente um fato, isto é, estar a pensar. Não se pode esquecer que o prefixo 're' traz um componente semântico importante que a tarefa a ser executada por esta reflexão que é repensar o que já foi pensado. Entretanto não seria apenas repensar o que foi pensado, mas, talvez mais importante, como se pensa. Sublinho a distinção entre 'o que' e 'como'.

Antes de prestar atenção ao fenômeno pensar, é importante lembrar que a capacidade de pensar foi colocada como a característica própria do ser humano que o distingue de todos os demais seres vivos. Todos já conhecem a proclamação de René Descartes, "Penso logo existo e Blaise Pascal afirmou que o "homem é um caniço, mas é um caniço pensante."<sup>11</sup> Entretanto nenhum se preocupou em explicar que ação é o pensar. Neste sentido é possível relacionar o que diz Edgar Morin referente ao conhecimento: "É impressionante que a educação, que visa transmitir conhecimentos,

<sup>9</sup> Neste sentido, Martin Heidegger escreveu duas obras > Holzwege (Caminhos da Floresta ou Caminhos que não levam a lugar nenhum), e Der Feldweg (O Camino do Campo - pequeno escrito de sete páginas, 1953)

<sup>10</sup> As outras formas nominais são o infinitivo e o particípio.

<sup>11</sup> Descartes, René (159-1650) proclamou: Cogito, ergo sum. E Pascal afirmou: o ser humano é um caniço, mas um caniço pensante.

seja cega quanto ao que é o conhecimento humano, (...) e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer”.<sup>12</sup> Acredito ser correto substituir conhecimento por pensamento e conhecer por pensar. Assim é possível concluir que não há preocupação em fazer pensar o que é pensar.

A tarefa, num primeiro momento, pareceria fácil e simples, pois cada um pensa. Então seria descrever o que acontece ou o que faz quando se pensa. Somos ou não seres pensantes por natureza? Ninguém nega. Freud dedicou seus estudos à atividade de pensar durante o sono. De um lado mostrou que o sono não interrompe o pensar, de outro lado mostrou que o sonho, isto é, o pensamento onírico é portador de sentido. Para isso dedicou sua obra, *Interpretação dos Sonhos*.<sup>13</sup> Mais recentemente as neurociências, em especial a neurolinguística, conseguiram localizar e descrever a base neuronal do fenômeno de pensar.

Entretanto, é comum afirmar que, em certos momentos, as pessoas agem ou falam sem pensar<sup>14</sup>. É, também, crença corrente que as crianças não pensam. Ou a afirmação, quem pensa não casa. Aparentemente haveria contradição entre essas afirmações e o fato comprovado de que o pensar é uma ação contínua, assim como respirar. Uma reflexão pode nos mostrar que afirmar que se age ou fala sem pensar nos aponta para o reconhecimento que há pensares, como há saberes. Em resumo, é possível pensar de diferentes maneiras. Em princípio, pensar pode simplesmente significar, criar idéias, identificar sentidos. Num segundo momento pensar seria pensar obedecendo a determinados modelos de articulação das idéias ou de expressão dos sentidos.

Tratar da questão do pensar sem lembrar Heidegger (1883-1976), para quem estuda a filosofia da linguagem, seria uma exclusão grave. Heidegger, em diversas obras, a principal é *Was Heisst Denken*,<sup>15</sup> reflete sobre a questão: “O que é designado pela palavra pensar?”. A tradução literal seria: o que chama pensar. O verbo heissen significa chamar como em *Wie heisst du? Como você se chama?* Na indagação de Heidegger a palavra chave é *Was*, o que.

Esse “o que” não se refere ao objeto do pensar, mas aquilo que revela o ato de pensar. Digamos sua estrutura, seu mecanismo e dinamismo.

O tema desta palestra estabelece o pensar, aquele que construiu e desenhou o ser e fazer enfermagem. Sem a resposta de Heidegger, resta a questão de “como” pensar. Ou estaria a priori determinado? Esse “como” pensar é fundamental para ordenar um modo de pensar que pode ser aceito ou não. A esse respeito parece não haver dúvida que o pensar universalmente válido é o pensar científico inspirado na

<sup>12</sup> Morin, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro*. P.13-14.

<sup>13</sup> A crença, mantida na antiguidade, de que os sonhos eram enviados pelos deuses a fim de ordenar as ações dos homens, constitui ainda hoje uma convicção forte entre diferentes camadas sociais. É a partir de Freud que o sonho se torna objeto de pesquisa científica. Ele inaugura um novo método de interpretação psicanalítica em seu livro, *O significado dos Sonhos*.

<sup>14</sup> É importante lembrar que criamos em nós estruturas de pensar e conjuntos de idéias que nos acompanham como a sombra. A qualquer momento podem se manifestar. São os automatismos verbais.

<sup>15</sup> *Was heisst Denken?* contém o texto de dois cursos, de uma hora semanal cada um, ministrados por Heidegger na Universidade de Fribourg-em-Brisgau no semestre de inverno de 1951 e no semestre de verão de 1952. A tradução francesa é *Qu'Appelle-t-on penser?* Em *Vorträge und Aufsätze* (Trad. francesa, *Essais et Conférences*. Cap. *Que Veut Dire "Penser"?* p. 151-169 e *Batir Habiter Penser* p.170-193. E em *Kierkegaard vivant. La fin de la philosophie et la tache de la pensée*. P.167-204.

lógica matemática ou, no mínimo, na lógica racional. A primeira visa medir e quantificar, a segunda se contenta em estabelecer relações de causalidade entre causa e efeito.

Para exemplificar vejamos uma narrativa pela ótica de dois tipos de lógica. A história resumida é assim: Um menino Azande tropeçou num pequeno toco que estava no caminho. O corte no dedo incomodava e doía, além disso, era difícil de manter limpo, e inflamou. O menino afirmou que fora efeito de feitiçaria. O antropólogo tentou convencê-lo que fora devido a sua distração. Ele concordou que o fato de o toco estar no caminho não era efeito de feitiçaria, mas ele tropeçara por estar enfeitado. E mais, um corte deste tipo não demoraria sarar. Se ele ficou aberto e inflamou foi porque haveria feitiçaria por atrás de tudo<sup>16</sup>. O princípio desta lógica é a feitiçaria. Não serve, nem para a lógica formal, nem para a lógica científica.

É preciso retomar o caminho traçado pelo tema que nos propõe repensar o pensar que construiu o ser e o fazer enfermagem. Duas perguntas. Primeira, esse pensar a ser repensado, como foi construído? Tomando por base a organização dos cursos universitários e profissionalizantes, o ser e o fazer enfermagem foram pensados cientificamente. Segunda, o repensar, necessariamente, deverá ser científico também?

A resposta pode ser dada a partir do tema geral desta Jornada que propõe repensar saberes. Portanto admite que há saberes, e, se há saberes deverá haver concomitantemente pensares. O que leva a admitir a possibilidade de haver saberes e pensares não científicos, válidos para redesenhar o ser e o fazer enfermagem.

## SEGUNDO ATOR, O SER

A questão do Ser é o grande enigma surgido na Grécia como a palavra chave para enquadrar todas as coisas. Tudo o que pode ser nomeado, pensado ou percebido é ser. O ser seria um conceito universal a partir do qual se pode falar de todos os seres (entes). A questão do ser é o princípio primordial metafísico de todo pensamento ocidental, filosofia e ciências.

Com o surgimento da filosofia moderna, a partir de Descartes, os filósofos deixaram em segundo plano a questão do ser e se dedicaram às questões epistemológicas. As correntes existencialistas, desde o início do século, voltaram à questão do ser com outro enfoque. Um enfoque antropológico. A figura central desta volta ao passado grego é Martin Heidegger com sua obra, *Ser e Tempo (Sein und Zeit)*, mas com a novidade de que o Ser se revela na linguagem (logos), - a palavra é a casa do ser -, e a linguagem, (logos), é a condição existencial do ser humano (Dasein).<sup>17</sup>

As questões lingüísticas da palavra ser são tratadas por Heidegger no livro, *Einführung in die Metaphysik (Introdução à Metafísica)*, especialmente no capítulo, *Sobre a gramática e a etimologia da palavra "ser"* que pode ser resumido nos seguintes pontos. Ser, que palavra é ser? Começando pela gramática, é verbo ou é substantivo? Se for verbo, ser se manifesta no tempo. Se for substantivo, ser é algo que goza de realidade permanente. Como substantivo, o ser, simplesmente, é. Como o verbo o ser

<sup>16</sup> Pritchard, E.Evans. Apud Alves R. Filosofia da Ciência p. 17.

<sup>17</sup> Ao lado de Heidegger podem ser colocados Jean-Paul Sartre com a obra *L'Être et le Neant*, e Gabriel Marcel com a obra *Le Mystère de l'Être*,

se manifesta em situações diferentes. Etimologicamente, na língua alemã, possui três radicais<sup>18</sup>. Na língua portuguesa o verbo ser tem duas raízes, Uma, a raiz sânscrita asus, que aparece no infinitivo, ser, e em todas as formações verbais, como sou ... somos; era ... éramos, etc.. significa a vida, o vivente, o que subsiste por si. A outra raiz indo-européia bhü, beu (bê), passa pelo grego fûo que aparece nas formações como fui, fomos, for, etc.. significa o que desabrocha, o que permanece. (demorar-se).

Para Heidegger, ser é verbo. Ele designa o que se manifesta, o que é visível, o que apresenta. As manifestações do ser (verbo) são todos os seres, que em latim são os entes, (dito em português seriam os sendos). Cada ente tem seu modo de ser. O modo de ser do ser humano é Dasein. (Ser-aí)<sup>19</sup>. O foco deve ser dirigido ao advérbio DA, (Aí). Significa estar situado, estar presente. Que se manifesta como preocupação, cuidado, (Sorge)<sup>20</sup>.

Estas observações devem possibilitar uma maneira de repensar o modo de ser do ser que se chama enfermagem. Se todos os seres, de um lado, têm seu próprio modo de ser, entretanto, de outro lado, nem todos os seres pertencem à mesma categoria. – É preciso levar em consideração que no anúncio do tema o termo ser é precedido pelo artigo definido, “o” – De qualquer maneira todo ser é sempre uma organização. Para simplificar e resumir a questão, nada melhor do que recorrer à Humberto Maturana ao distinguir entre sistemas auto-referidas e sistemas alo-referidos, que mais adiante será retomado.

Agora, para completar a hermenêutica das palavras do tema, será preciso escutar os outros atores.

### TERCEIRO ATOR, FAZER

Desde as origens do pensamento racional proclamou-se o princípio de que toda a ação é decorrente do modo de ser de cada ser (ente). Os gregos expressaram esse princípio afirmando que cada ser age segundo a sua natureza. Os medievais resumiram esta tese em três palavras: Agitur sequitur esse, isto é, o agir segue o ser. O importante era definir o ser, a essência, de todas as coisas para identificar o seu comportamento ou descobrir a vocação divina.

Entre o declínio da Medievalidade e o surgimento da modernidade, especialmente com as mudanças sociais e econômicas comandadas pelo surgimento das corporações de ofícios,<sup>21</sup> forma-se a teoria de que “en forgeant on devient forgeron”, tradução da expressão latina “fabricando fit faber”, que, traduzidas para

<sup>18</sup> A raiz mais antiga vem do sânscrito, asus que significa a vida, o vivente . O que subsiste por si.

A segunda raiz é indo-européia é bhü ou beu (bê) ligada ao grego fûo que significa desabrochar, tornar-se visível, presente.

A terceira raiz, que aparece só na flexão do verbo alemão, é wea, do sânscrito. Significa habitar, permanecer.

<sup>19</sup> Na tradução brasileira de Sein und Zeit, Dasein é traduzido por presença.

<sup>20</sup> Sorge (cuidado – souci), besorge (preocupação préoccupation), fürsorge (assistência – assistance). Ver em L’être et le temps. Notas p. 121 e texto p.153 assistência.

<sup>21</sup> As corporações de Ofícios surgiram a partir do século XII para regulamentar o novo processo de produção que, fugindo do controle dos senhores feudais, davam origem à nova classe social dos artesãos, trabalhadores livres e autônomos.

todos nós, significam: batendo o ferro é que se fica ferreiro. A grande mudança se reflete nas convicções de que a “experiência é a mãe da ciência” e, portanto, “a prática é a mestra de todas as coisas”. Fica, assim, inaugurada a idéia de que cada pessoa constrói a si mesma pela sua ação, e não pela herança que vem do berço ou dos desígnios divinos.

A modernidade, sem negar esses princípios, preferiu dedicar-se a garantir que na base de todo o agir está o conhecimento. Em outras palavras toda prática deve estar fundada na teoria. Cada um é o resultado do que faz. A partir deste momento o que importa é adquirir conhecimentos para assegurar o direito de desenvolver determinadas práticas. Por isso precisamos repensar saberes. Michel Foucault em sua aula inaugural no Colégio de França, A ordem do Discurso, trata com muita clareza essa distribuição de conhecimentos específicos que autoriza o seu portador de fazer um determinado discurso e exercer determinadas tarefas<sup>22</sup>. A isto, Foucault denomina de procedimentos de exclusão, mas, de outro ângulo, poderiam ser procedimentos de inclusão.

Um ponto é inquestionável, ser e fazer andam juntos, seja o ser, enquanto dotado de natureza, seja o ser, enquanto dotado de conhecimentos, possuem em si mesmos a capacidade de agir. Ser e fazer possuem a mesma identidade.

Uma observação necessária, que poderia, talvez, deveria ter sido feita anteriormente, chama atenção sobre o artigo definido, “o”, que precede o termo “ser”, mas não o termo “fazer”. Todos sabem que uma das funções do artigo definido é substantivar o modo infinitivo dos verbos. Portanto ser deve ser tratado como substantivo, mas fazer seria verbo.

Por fim, volto a relacionar o tema desta conferência com o tema da Jornada, título, também, da conferência de abertura, pela utilização da expressão, repensando. Enquanto nesta palestra repensando se refere ao ser e ao fazer, no tema geral se refere apenas aos saberes e, para as práticas, fala em inovando. A palavra é derivada do termo latino innovatio, e se refere a uma idéia, método ou objeto que é criado e que pouco se parece com padrões anteriores. Portanto é muito mais que repensar.

## QUARTO ATOR, ENFERMAGEM

Pretender falar de enfermagem para quem faz, pensa e vive enfermagem, é extrema ousadia, por isso, a solução é continuar pelo caminho hermenêutico, ainda que muito resumido, talvez, superficial. Quando usamos a palavra enfermagem, já estamos afirmando seu ser e seu fazer. Basta identificar o que ela significa. Enfermagem faz parte de um conjunto de palavras, enfermo, enfermidade, enfermeira/o e enfermaria que podem nos levar ao caminho do ser e do fazer enfermagem.

A raiz deste conjunto de palavras é o termo latino infirmus, mas não necessariamente significam a mesma coisa.. Infirmus, é o resultou da fusão do prefixo in (negação) + firmus, firme, robusto, saudável. Denota, portanto, debilidade, fraqueza, perda de forças. Enfermidade, em princípio, não caracteriza doença –

---

<sup>22</sup> Foucault, Michel. L'ordre du discours.



sentido mais freqüente entre nós – mas enfraquecimento. Doença tem outra raiz, também latina, *dolen, dolentia*, que aponta uma perturbação em que há dor.

Falar em enfermagem significa tratar de uma face da história da evolução da vida humana, a face em que a vida encontra as adversidades a enfrentar. No código genético dos seres vivos estão inscritas todas as suas possibilidades e limitações. Falta saber qual o lugar da enfermagem no interior do desenvolvimento da engenharia genética de cada pessoa.

Os procedimentos, traçados pela fenomenologia e pela hermenêutica, recomendam que o fio condutor para repensar o que já foi pensando, no presente caso, o ser e o fazer enfermagem, está na história. Trata-se da simples aplicação da tese de Husserl, *zurück zu den Sache selbst*, (a volta à coisa mesma). Um dos procedimentos está na etimologia das palavras, o que nos levaria a recuperar a diversidade da nossa herança lingüística, a começar pela grecolatina. Acima foi dada uma pequena amostra. Mas não se pode esquecer os diferentes saberes, as crenças e as instâncias culturais de cada povo e de cada época.

Neste sentido, apenas para provocar alguma curiosidade, quero lembrar a polivalente americana Barbara G. Walker<sup>23</sup>, que escreveu sobre religião, antropologia, espiritualidade e mitologia, quando afirma que o conhecimento mítico-religioso era do domínio exclusivo das mulheres. A elas cabia toda assistência à vida humana. Os homens estavam excluídos. Lentamente, para poder entrar no domínio dos poderes e saberes femininos, precisavam vestir-se como as mulheres.

Para completar, mais como surpresa minha, não podia deixar de citar duas figuras importantes e impressionantes da história contemporânea da enfermagem. Todos já sabem. Trata-se, em nível mundial, Florence Nithingale; e, entre nós, Ana Néri, reconhecida como a pioneira da enfermagem no Brasil<sup>24</sup>. Ambas constroem um ser e um fazer enfermagem, não propriamente sobre enfermos, mas sobre os mutilados da guerra, num ambiente longe das enfermarias e hospitais convencionais. Pergunto: esse fato tem alguma importância para definir o perfil da enfermagem atual, já que Florence e Ana se tornaram o marco inicial de um projeto modelar para construir a enfermagem moderna?

## QUINTO ATOR, CONTEMPORANEIDADE

Quanto ao tempo a tarefa de repensar está circunscrita à nossa época. Sempre que propõe repensar alguma atividade humana, fica evidente que é para atender a situações que não são atendidas pelos saberes e práticas ou pelo ser e fazer que definem a enfermagem vigente.

<sup>23</sup> Barbara G. Walker (1930 - ...) faz parte dos estudiosos que, saindo dos gabinetes fechados de antropologia a exemplo de Levi Straus, se voltaram para as sociedades primitivas a fim de identificar as raízes do desenvolvimento humano, onde ela descreve com muita precisão o papel das mulheres enquanto administradoras dos saberes mítico-sagrados para conduzir a vida humana, o que mostra a importância da presença feminina.

<sup>24</sup> Florence Nithingale (1820 – 1910), enfermeira britânica, que fez carreira na Itália a partir, especialmente, do pioneiro e modelar trabalho junto aos feridos na guerra da Criméia. Entre nós, esse trabalho pioneiro, foi realizado pela enfermeira bahiana, Ana Justina Ferreiro (Ana Néri) 1814-1880 na guerra do Paraguai. Todos conhecem sua história, tornada a referência maior de qualquer iniciativa de repensar a enfermagem.

O termo contemporaneidade, no meu entender, abrange uma época, por isso pode ser substituído pelo termo atualidade. Atual designa algo presente, o que está em ato. Que acontece no momento em que se fala. A língua italiana tem expressões muito significativas e originais por referir-se ao dia, e não ao tempo geral: *aggiornarsi* ou *aggiornamento*, palavras mais concordes com o gerúndio, o que está em ação no presente, neste instante, agora..

## CONSTITUTIVOS VIGENTES DE SER E DE FAZER ENFERMAGEM

### 1. Uma observação inicial

O ser e o fazer não podem ser tratados separadamente sem incorrer num dualismo impróprio, senão perverso. Ser não precede o fazer. Também, o fazer não gera o ser. É comum se pensar que o fazer é resultante do ser na perspectiva da causalidade linear. Ser e fazer, desde que surgiu a dialética e, posteriormente, com as correntes existencialistas, que recusam os dualismos, são percebidos numa relação circular em que o ser é ser enquanto é fazer, e o fazer é fazer enquanto é ser. No passado foi entendido como círculo vicioso, a partir de Heidegger, foi assumido como círculo hermenêutico. A separação entre teoria e prática é muito recente. Coube aos gregos inaugurar a distinção entre *technê* e *episthêmê*.<sup>25</sup>

Francisco Varela, citando M. Heidegger, M. Merleau-Ponty e M. Foucault, afirma que “esses pensadores se preocupam do fenômeno da interpretação inteira, em seu sentido circular da ligação entre ação e saber. (...) Nós nos referimos a esta circularidade total de ação/interpretação pelo termo fazer-emergir”.<sup>26</sup>

### 2. Duas perguntas. Quem começou a enfermagem? E, como começou?

A resposta parece óbvia, foi a vida que começou a enfermagem. E a enfermagem começou como um constitutivo da própria vida. O manual de desenvolvimento da vida está inscrito como mensagem no código genético, os mensageiros são os neurônios, cada um teria a capacidade de fazer vinte mil contatos e receber outros tantos.<sup>27</sup> Cabe aos genes controlar todo o organismo assim eles comandam o desenvolvimento do ser vivo, nele embutido o sistema imunológico, modelo original de medicina e de enfermagem.

Acredito que aqui, no fenômeno da vida ou, simplesmente, no fenômeno vivo estão as raízes de legitimação de toda atividade humana. Quando a bioética for assumida na sua plenitude, certamente, teremos encontrado a referência primordial dos fundamentos de qualquer intervenção nos organismos vivos em todos os seres vivos.

<sup>25</sup> Ver Heidegger, *la question de la technique* in *Essais et Conférences* p.9-48

<sup>26</sup> Varela, F. Op. Cit. P. 92.

<sup>27</sup> Segundo os biólogos teríamos 86 bilhões de neurônios, mas há cientistas que possam ser 100 bilhões.

### 3. Enfermeiro – Enfermagem – Enfermidade – Enfermo

Para continuar a tarefa de repensar é preciso sublinhar que a enfermagem deixou de ser uma manifestação espontânea e natural da vida para tornar-se uma instituição planejada a partir de outras instâncias, embora a vida continue sendo o objeto de referência. Historiar essas diferentes fases de ordenação das atividades enfermeiras seria demasiadamente longo e cansativo, embora muito ilustrativo.

O ponto de partida da presente reflexão para identificar os constitutivos da enfermagem é a modernidade, quando o saber científico se torna a referência primeira para definir o profissional, o enfermo, a enfermidade e a institucionalização da enfermagem.

Afirmar que o ser humano é o centro da enfermagem não passa de uma proclamação do óbvio. Então, o primeiro alvo de repensar o ser e o fazer da enfermagem deve ser, obrigatoriamente, o ser humano. E aqui será preciso recorrer, novamente, a Heidegger. Tal recorrência se deve, em primeiro lugar, porque a primeira enfermeira a me procurar solicitando ajuda, veio trazendo a filosofia heideggeriana colada ao tema de sua tese de doutorado<sup>28</sup>. Posteriormente Heidegger inspirou outras teses e dissertações. Em segundo lugar, porque Heidegger tirou o ser humano das nuvens da metafísica para concretude do tempo e do espaço presentes, isto é, do agora e do aqui. Fenômeno que ele designou pelo termo Dasein, como já foi dito.

Entre os quatro constitutivos da enfermagem, estão presentes dois seres humanos, o enfermeiro e o enfermo. Para filosofia metafísica ambos são um só, porque ambos tem a mesma essência, cuja realidade está representada no conceito homem. Talvez, essa unificação seja aceita pelas ciências no mapeamento do genoma humano. Segundo Heidegger e as correntes existencialistas, estamos diante de dois seres humanos com diferenças irreduzíveis.

É preciso retomar o termo Dasein, ser-ai. E o elemento principal é o advérbio aí (da). Aí nos revela a especificidade de cada um, (enfermeiro e enfermo). O aí é a presença da totalidade de cada um constituída pela biografia (história individual), que não significa isolada. A escrita desta história, conforme nos ensina Heidegger, começa com o nascimento e se encerra com a morte.

Dito isto, certamente, ninguém vai concluir que esses dois indivíduos são iguais. Ao contrário são desiguais ou diferentes. Essas diferenças estão manifestas diante de nossos olhos. É só prestar atenção, não apenas na horizontalidade, mas na verticalidade também, porque as atitudes humanas individuais manifestam a totalidade do agente. É preciso parar aqui, o tempo não permite ir adiante. O importante é que esta compreensão nos possibilite avançar na tarefa de repensar.

Essas diferenças, constatadas desde os primórdios da humanidade, começaram criar dificuldades para estabelecer ordens sociais, e, mais ainda, quando se procurou organizar a capacidade de pensar e de conhecer. Diante das dificuldades de garantir o controle sobre as diversidades o caminho mais fácil foi investir no processo de homogeneização. A realidade externa em nada contribuía para este projeto. O recurso foi construir uma ordem lógica imaginária que proporcionasse o enquadramento de toda a realidade. Novamente aí estão os gregos, com o saber conceitual. Todo

---

<sup>28</sup> Refiro-me à Dra. Ymiracy Pollack, professora da Universidade Federal do Paraná, no momento cursando o doutorado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.

conceito é uma representação mental da realidade. O conceito homem abrange toda espécie humana.

#### 4. O pensamento racional

Dando um salto para a modernidade, encontramos as ciências empíricas no exercício de uma lógica matemática enquadrando todos os fenômenos. Evidentemente, respeitando as categorias de fenômenos. A compreensão homogeneizante seria uma questão de tempo, somente ela possibilitaria o controle e funcionalidade das organizações. Assim, a ciência deu mais um passo no processo da homogeneização.

Para melhor compreender tomemos os conceitos como exemplos. O conceito, homem, reúne a totalidade dos humanos. O conceito, aluno, refere-se a todos que estudam numa classe ou numa escola. Pela palavra homem ou aluno, todos passam a pertencer ao respectivo grupo indistintamente.

A homogeneização científica é mais funcional porque ela atribui uma identidade e uma funcionalidade. No caso da enfermagem, a aplicação é simples. As ciências estabelecem quais são os conhecimentos que constituem o ser, chamado enfermagem. A pessoa que se apropria deste conjunto de conhecimentos se torna um profissional da enfermagem, chamado enfermeiro. O indivíduo afetado por perturbações ou desequilíbrios vitais, identificados pelas ciências, é chamado de enfermo. As ciências, diante destes fatos, fundam um conjunto de procedimentos a que vão chamar de enfermagem

O modo de ser do ser enfermagem é científico. – Estou evitando usar a preposição de, como o ser da enfermagem, que indica posse, pois a enfermagem não possui um ser, ela é ser. – Ser científico, expresso nas fórmulas, substitui o ser metafísico, expresso nos conceitos. Ser científico é a garantia de ser, ser, isto é, de ser reconhecido, de fazer parte da verdade. Cada um se reconhece nas representações científicas.

A filosofia racional-metafísica se valeu do rótulo do conceito para enquadrar toda a realidade. A ciência moderna construiu com números e medidas o novo processo de rotulagem. Hoje cada um é o que as ciências dizem que é. Tudo é pensado cientificamente.

#### 5. A cientificidade

Entre tantos aspectos a serem repensados, certamente, o primeiro é o de saber se o paradigma da cientificidade pode ser repensado. A questão, aqui lembrada, na verdade, tem a função de provocar o debate, pois já faz parte das preocupações de um número, cada vez maior, de intelectuais de todas as áreas do saber.

Husserl pode ser aceito como o vanguardeiro deste desconforto da humanidade européia e ocidental diante do avassalador poder das ciências e da sua parceira a técnica. O melhor é repercutir suas palavras. “A maneira exclusiva cuja visão global do Mundo que é aquela do homem moderno se deixou, na segunda metade do século XIX, determinar e cegar pelas ciências positivas e pela “prosperity” que lhe devíamos. (...) Na aflição de nossa vida – o que se ouve em toda parte – esta ciência não tem nada a nos dizer. As questões que ela exclui por princípio são precisamente as

questões que são as mais ardentes à nossa época infeliz para uma humanidade abandonada às reviravoltas do destino: são as questões que levam ao sentido ou à ausência de sentido de toda a existência humana”. E continua: “A simples ciências dos corpos manifestamente nada tem a nos dizer, pois ela faz abstração de tudo o que é subjetivo. (...) A cientificidade rigorosa exige do pesquisador que coloque escrupulosamente fora-do-circuito (*hors-circuit*) toda tomada de posição axiológica, toda questão sobre a razão e demência (*déraison*) da humanidade e das formas de cultura desta humanidade”. E termina com essa pergunta: Podemos nós viver neste mundo cujo evento histórico nada é mais do que um encadeamento incessante de impulsos históricos e de amargas decepções?”.<sup>29</sup>

Sobre a primeira parte, que trata do homem moderno determinado e cegado pela ciência, muito se poderia falar. Basta lembrar alguns autores mais familiares entre nós como Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos,<sup>30</sup> Humberto Maturana, Francisco Varela, Hilton Japiassu, Bruno Latour, John Horgan e tantos outros, para perceber o quanto o humano do ser humano foi reduzido e empobrecido pelos estreitos parâmetros da objetividade científica. Entretanto, quero sublinhar a parte final da citação de Husserl no ponto em que reafirma a importância da historicidade. Cada um tem, talvez, melhor dito é a sua história sob todos os aspectos, biológico, familiar, social, cultural, moral, religioso e o que mais se possa referir.

Portanto, se as ciências excluem tudo isto, conclui-se que o enfermeiro é muito mais que uma construção científica, que o enfermo não pode ser reduzido aos resultados das análises científicas e que a enfermagem devem ultrapassar o isolamento científico e a funcionalidade tecnológica.

A propósito, é bom lembrar o livro *Amar e Brincar – Fundamentos esquecidos do Humano*, de Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöller<sup>31</sup>, porque mostra o quanto podem significar as dissertações e teses, já apresentadas em Programas de Pós-Graduação, sobre o espaço da sensibilidade na formação do profissional enfermeiro, e sobre a terapia do lúdico, embora com a resistência dos defensores da objetividade científica.

É bom lembrar que o lúdico não é sinônimo de prazer e diversão. A ludicidade, no seu sentido original, significa a capacidade e a liberdade de criar, de imaginar mundos. Aqui está o grande mérito do brincar para o desenvolvimento das crianças, responsável pela criação de sinapses. Brincar é uma atividade muito próxima ao pensar, ambos podem ser feitos e refeitos a qualquer momento.

Uma obra de Eugen Fink, pouco conhecida, intitulada *Spiel alls Weltsymbol* (jogo como símbolo do mundo), começa por defender que o jogo (brinquedo) faz parte das questões filosóficas, mostrando que é das possibilidades primordiais do ser humano. Ele chega a imaginar que o Criador do Universo poderia ter agido como um

---

<sup>29</sup> Husserl Edmond. *La crise des sciences européennes ET la phénoménologie transcendental*. P. 10-11

<sup>30</sup> Uma obra que mereceria ser lida com atenção é *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente – ‘Um ‘Discurso sobre as ciências’ revisitado*, escrito por mais de três dezenas de autores com a organização de Boaventura de Sousa Santos.

<sup>31</sup> Maturana, H. *Amar e Brincar – Fundamentos esquecidos do humano*. E no mesmo volume, *O Brincar na Relação Materno-Infantil – Fundamentos biológicos da consciência de si mesmo e da consciência social*

brincador,<sup>32</sup> contrariando tanto o que se pesou no tempo das forças mágico-religiosas, em que o criador tinha o poder de transformar suas palavras em realidade, tanto os cientistas modernos que preferiram acreditar num criador com infinitos saberes matemáticos e físicos. Recentemente o astrofísico Stephen Hawking declarou que o universo não necessita de um criador, as leis da física são responsáveis por tudo o que existe.<sup>33</sup>

Após essas breves observações sobre os questionamentos dos estudiosos da ciência, fica claro que o repensar não pode resumir-se ao privilegiamento dado às ciências, mas também ao paradigma do seu modo de conhecer, como bem lembrou Edgar Morin.

Em resumo a cientificidade moderna tem seus grandes méritos, que não podem ser menosprezados, mas tem seus limites. Possui também uma metodologia confiável

Outro ponto que deve ser considerado é que pensar ou repensar o ser e fazer enfermagem não pode ser isolado do contexto das ciências e das instituições, especialmente, da área da saúde.

## FONTES DE INSPIRAÇÃO PARA REPENSAR O SER E FAZER ENFERMAGEM

Não se trata de produzir receituários ou fórmulas do ser e do fazer enfermagem, mas apenas apontar as possíveis fontes de inspiração que levem a pensar e repensar o ser e o fazer enfermagem.

### 1. A vida

Para começar, uma ousadia, parodiar a famosa frase de Husserl, Zurück zu den Sache selbst, para Zurück zu den Leben selbst. Volta à coisa mesma para volta à vida mesma. Voltar à vida mesma, ou à própria vida, significa entrar no mundo da vida (Lebenswelt). Há muito tempo optamos para trazer a vida para o mundo da física e para modelos lógicos racionais e matemáticos.

Parece estranho, mas a vida não é a fonte exemplar primeira das epistemologias racionais para compreender o universo e o ser humano. A vida, enquanto organização, continua uma instância ainda não explicada. A pergunta, o que é a vida?, continua sem uma resposta convincente<sup>34</sup>. Desde Galileu Galilei e Newton a física foi erigida em ciência modelar de todas as ciências. A vida passa a ser tratada como um fato físico. Dizer que o ser vivo é uma organização autopoiética, como nos diz Maturana, é apenas uma maneira de compreender sua estrutura autônoma de desenvolvimento, mas não revela como funciona. As lógicas inventadas até agora, mais que explicar, são afrontas ao dinamismo da vida. As nossas lógicas são

<sup>32</sup> Fink, Eugen. (1905-1975) Spiel alls Westsymbol, filósofo alemão, foi discípulo de Husserl e teve Heidegger como orientador de sua tese sobre a questão do ser.

<sup>33</sup> Hawking, Stephen (1942) é astrofísico, um dos cientistas mais importante da nossa época.

<sup>34</sup> A pergunta, O que é a vida, é o título de uma obra de Erwin Schrödinger (889-1961), físico austríaco e prêmio Nobel de física de 1933. O professor José Luís Soares (1934) escreveu um livro com o título O Rastro da Vida – Uma pequena história de bilhões de anos. É, como diz o título, uma narrativa do rastro da vida na linha do Evolucionismo. Infelizmente, a resposta do que é a vida não foi apresentada.

dominadoras e controladoras que sustentam pelos sucessos parciais, obtidos neste sentido. Constantemente os fatos mostram que a vida continua resistindo e fugindo das armadilhas das nossas ciências. Falta descobrir a maneira de ler o livro da vida.

Grégory Bateson, em resposta às críticas recebidas pelo tipo de silogismo não aceitável<sup>35</sup>, que usava para falar da Teoria da Organização do fenômeno biológico, disse: “A vida, provavelmente, nem sempre estará interessada em saber o que é logicamente aceitável. Eu ficaria realmente surpreso se ela estivesse”<sup>36</sup>. De alguma maneira William Irwin Thompson reforça a tese de Bateson ao declarar: “Na minha opinião, o princípio fundamental que emana desta nova maneira de pensar é que os organismos vivos expressam uma dinâmica, na qual os opostos são inerentes e a oposição é essencial”.<sup>37</sup> A mesma preocupação, talvez, pode ser deduzida da atitude de Vesale no século XVI ao querer fazer anatomia em um corpo vivo, pois dizia que na anatomia em cadáveres, falta o principal, a vida<sup>38</sup>.

Por fim, seria injusto não lembrar Henri Atlan pela defesa da idéia do Sagrado. Conceito que, segundo ele, nada tem a ver com o religioso ou o teológico das religiões, mas com uma dimensão que ultrapassa os nossos modelos de observar o universo. Algumas de suas posições instigantes podem ser percebidas nestas afirmações: “Os tanques servem para lavar roupas, as velas iluminam e os feiticeiros curam, talvez, na mesma proporção que as máquinas de lavar, a luz elétrica e a medicina moderna respectivamente”.<sup>39</sup> Atlan propõe o pensamento talmúdico para a análise de questões de ética, de biologia ou de medicina, cuja especificidade é um certo uso do método casuístico.<sup>40</sup> Nesta toada pode ser colocada obra, O Acaso e a Necessidade de Jacques Monod. “O lógico poderia advertir o biologista de que seus esforços para ‘compreender’ o funcionamento total do cérebro humano estão destinados ao fracasso, pois nenhum sistema lógico seria capaz de descrever integralmente sua estrutura”.<sup>41</sup> Para ele o surgimento da vida, do ser humano e da linguagem simbólica são acontecimentos únicos e beiram ao milagre, dado que considerando as probabilidades a priori se avizinham do zero.

## 2. A condição humana

Pensar ou repensar o ser e fazer enfermagem, ou qualquer empreendimento humano, o ponto de partida deverá ser o ser humano. Qual é a identidade do ser humano? A resposta, segundo Edgar Morin, deve levar em conta a condição humana que é, a um só tempo, física, biológica, psíquica, cultural, social e histórica, numa

<sup>35</sup> O tipo de silogismo, constante da lógica aristotélica, adotado por Bateson está assim expresso: A planta umorre. Os homens morrem. Os homens são plantas,

<sup>36</sup> Bateson Gregory, Os Homens são como a Planta. In Gaya – Uma Teoria do Conhecimento p. 42.

<sup>37</sup> Thompson, William Irwing, As Implicações Culturais da Nova Biologia. In Gaya – Uma Teoria do Conhecimento p.25. Ele contribuiu para a Programação neurolinguística (PNL).

<sup>38</sup> André Vesale (em latim Andreas Vesalius, nome original André Wytinck) (1514 – 1564) foi médico e anatomista, autor a importante obra sobre anatomia, De humanis corporis fabrica (Sobre o funcionamento do corpo humano).

<sup>39</sup> Atlan, Henri. Médico e biólogo. Teórico da Auto-Organização (Entrevista) In Pessis-Pasternak, Guitta. Do Caos à Inteligência Artificial. P.81.

<sup>40</sup> Atlan, H. Idem

<sup>41</sup> Monod, Jacques (19 - O Acaso e a Necessidade p. 164. Prêmio Nobel de fisiologia e medicina 1965

unidade complexa<sup>42</sup>. Na medida em que o nosso conhecimento é analítico – Descartes nos ensinou a apreender separando o todo em partes – ficou difícil apreender o homem na sua totalidade. Então, aqui está o primeiro grande desafio, tentar perceber o ser humano o mais perto de sua totalidade complexa. Não custa, partindo dos cinco elementos referidos acima, reuni-los a partir do princípio de que o homem age sempre como um todo. Essa totalidade começa como corpo, nele estão todas as possibilidades das manifestações humanas. Portanto quando afirmamos que algo é biológico, ou psíquico, ou qualquer outro aspecto, em cada um estão presentes todos os aspectos. Infelizmente a nossa linguagem os nomeia separadamente como se pudessem acontecer autonomamente.

A história da condição humana é demasiadamente longa e divergente para ser tratada aqui. Como a proposta inicial situou esta reflexão no interior da fenomenologia existencialista justifica-se permanecer neste cenário. Inicialmente, com Heidegger, Sartre e outros, o ser humano é descrito como uma consciência presente no mundo assumindo obrigatoriamente esta condição de ter que viver e construir sua própria existência. O segundo passado, dado, entre outros, por Merleau-Ponty, reconhece o ser humano como corpo, isto o modo de ser do ser humano é ser corporal. Fica claro o corpo não é uma parte ao lado da psique ou do espírito, mas a totalidade. Todas as manifestações humanas são manifestações do corpo. Em sua principal obra, *Phénoménologie de la Perception* (Fenomenologia da Percepção) a segunda parte é dedicada ao tema do corpo, e o capítulo VI, O Corpo como Expressão e Fala, é, sem dúvida, o mais emblemático.<sup>43</sup>

Mais uma vez é preciso trazer Henri Atlan pela simples razão que ele, médico e biólogo, fala a mesma linguagem dos filósofos, acima citados. Em seu volumoso livro, *Les Étincelles de Hasard* (As Centelhas de Acaso),<sup>44</sup> Atlan aproxima filosofia e ciência às mais antigas mitologia da humanidade. O corpo ocupa um lugar de destaque. Por exemplo, o segundo capítulo faz uma afirmação instigante: “Ninguém sabe o que pode o corpo”. E o primeiro item é surpreendente: “Forma do corpo e corporalidade de Deus”.<sup>45</sup>

Não sei se dá para falar em conclusão, mas é óbvio que todos os atores da enfermagem, fundamentalmente, enfermeiros e enfermos, em sua existência, são muito mais que enfermeiros ou enfermos. O primeiro transcende o profissional, o segundo não se reduz à enfermidade.

### 3. Os necessitados de enfermagem

É fundamental abrir as portas das enfermarias, sejam coletivas ou individuais, para ver quem está lá. E porque está lá. Sem esquecer de verificar o que se faz lá. E por que não abrir, também, as portas dos asilos, das casas psiquiátricas, dos orfanatos, de

<sup>42</sup> Morin, E. Op. Cit. P.15.

<sup>43</sup> Merleau-Ponty, Maurice. (1908-1961) *Phénoménologie de la Perception*. P. 81-228.

<sup>44</sup> Observação. A tradução em português, publicada pelo Instituto PIAGET, mereceria uma série de correções partir do título, completamente modificado e mal traduzido assim: O livro do conhecimento – As centelhas do Acaso e a Vida. Em relação ao título deveria ser O livro de Conhecimento, como aparece no capítulo 2. E o sob título deveria ser Centelhas de Acaso. O termo vida foi acrescido ao título sem justificativas. No cap. 1 trata da Fabricação do ser vivo. P. 35.

<sup>45</sup> Atlan, Henri *Les Étincelles de Hasard* p.93.



todas as instituições que precisam de enfermagem. Cada enfermaria é sempre um mundo misterioso, cheio de segredos, de revelações, de mensagens, de falas e de silêncio a espera de alguém que saiba ver, ler, ouvir e sentir aquilo que nenhum manual pode alcançar. Quantos rostos, quantos olhares, quantas expressões, quantos gestos, quantos sofrimentos, quantas súplicas, quanta esperança ou desesperança, quanta atitude de espera, de carência de atenção, de uma mão, de um olhar, de uma palavra, de um carinho, de uma presença! Este é o mundo que os manuais desconhecem. Estes foram gestados pelas ciências.

As enfermarias não são os únicos lugares dos necessitados, há, também as CTIs, as UTIs, os ambulatórios, as incubadoras, locais de trabalho, domicílios, até, eventos esportivos. Há ainda as dietas alimentares.

O cenário não está completo. Falta observar dois dados. O primeiro diz respeito à diferença de dois grupos de necessitados. Um grupo é formado por aqueles acometidos por doenças ou enfermidades. Aos que pertencem a este grupo a sua história de vida é fundamental. As origens e a evolução da doença se incorporam na dinâmica do seu viver. A história da doença é a história do doente.

Outro grupo é constituído por problemas como lesões, traumatismos, fraturas, queimaduras ferimentos ou agressões físicas em geral. Neste caso, os males surgem autonomamente ao ritmo da vida. É um acometimento que não tem origem no indivíduo. Não é um desequilíbrio gerado internamente, mas uma agressão externa. Por exemplo, os feridos de guerras, primeiros pacientes das pioneiras Florence e Ana Néri.

Na verdade esses dois grupos não abrangem toda a população necessitada de enfermagem, estes apenas reúnem aqueles que sofreram ataques internos ou externos à normalidade da vida. Há um conjunto de necessitados que mereceriam um tratamento diferenciado, são aqueles atendidos pelas enfermagens adjetivadas como enfermagem obstétrica, pediátrica, geriátrica, psiquiátrica, cirúrgica, do trabalho e, talvez, outras mais.

O segundo dado chama a atenção sobre a relação entre doença e doente. Michel Foucault, em sua obra *Naissance de la Clinique*, faz uma análise detalhada da questão. Começa questionando as ciências que erigiram a doença como uma entidade isolada e autônoma, de tal maneira que pode ser representada e estudada sem o doente. Assim é possível construir um “corpo” da doença que corresponde ao corpo do homem. Á cada membro, cada órgão, cada articulação, cada massa óssea ou muscular, em fim, à cada parte do corpo humano corresponde uma categoria de doenças. A doença na ciência é uma abstração que “deve ser considerada como se fosse um todo indivisível da sua origem até o final”.<sup>46</sup> Por isso, “A coincidência exata do “corpo” da doença e do corpo do homem doente é sem dúvida um dado histórico e transitório”.<sup>47</sup> O que existe são indivíduos doentes. Não há doença a não ser num elemento visível, esse elemento é o indivíduo.

A contribuição mais significativa de Foucault foi de alertar que toda intervenção terapêutica deve começar pela fusão entre doença e doente, ou, para usar o termo acima cunhado, entre a necessidade e o necessitado. A história da doença, ou da necessidade, está integrada com a história do doente ou do necessitado. È mais que

---

<sup>46</sup> Foucault, Michel. *Naissance de la Clinique* p. 95

<sup>47</sup> Foucault, M, *Op. Cit.* P. 9.

um parasita, faz parte de seu código genético. Basta lembrar a identificação dos genes causadores de determinadas patologias. Ou algumas doenças, definidas como geográficas, por exemplo, o caso da Talassemia, uma forma de anemia que atinge os povos do Mediterrâneo<sup>48</sup>.

Uma crítica, muito presente entre pensadores do século XX, refere-se, exatamente, a esse fenômeno dos dualismos. Na obra, Nascimento da Clínica, a crítica começa apontando as suas raízes ao afirmar que as instituições, as profissões, os cursos de formação estão marcadas sob a ótica da oposição: doença/doente. A enfermagem, como a medicina, vive no ambiente em que a doença está acima e anterior ao doente. Existe antes do doente. Ao doente que chega, apenas, falta receber o carimbo da patologia que lhe corresponde. Assim como na escola todos são carimbados com a marca de aluno ao se matricularem.

Feitas essas observações, será correto perguntar se esse conjunto de cenários não formaria o útero receptivo e aconchegante da gestação do ser que vai receber o nome de enfermagem repensada?

#### 4. As instituições hospitalares

Repensar o ser e fazer enfermagem não pode ser feito sem a inserção na realidade dos lugares habituais da enfermagem, atualmente as instituições hospitalares. Um estudo profundo e atual exige pessoas especializadas e muita dedicação. O caminho mais curto e fácil é recorrer a estudos já realizados. Esta foi a opção para continuar a presente reflexão, inclusive, para manter a mesma linha de raciocínio, os estudos de Foucault serão a referência primeira.

Michel Foucault, numa de suas críticas mais contundentes – também polêmicas – descreve as instituições hospitalares, aliás, este é o alvo principal de suas denúncias, como sendo um espaço, à semelhança das prisões e dos asilos, para confinar os indesejados da sociedade, os doentes, os malfeitores e os velhos, respectivamente. Os três grupos oferecem riscos para o bom funcionamento da ordem social. Essa denúncia mereceria mais atenção Mas este é um tema que vai muito além dos limites desta reflexão.

Quanto a organização interna das instituições hospitalares, Foucault é taxativo: “O hospital, como a civilização, é um lugar artificial onde a doença transplantada corre o perigo de perder seu rosto essencial”.<sup>49</sup> Não é preciso explicar a diferença entre natural e artificial. Uma organização artificial será sempre algo afastado da realidade, portanto o hospital não é o lugar natural da doença. Foucault afirmou “O lugar natural da doença é o lugar natural da vida – a família: doçura de cuidados espontâneos, desejo comum de cura, tudo entra em cumplicidade para ajudar a natureza que luta contra o mal.”<sup>50</sup> A contestação contra Foucault, levantada especialmente pelos profissionais da área, tem por base a exigência do emprego indispensável de altas tecnologias para atender as situações mais graves, entretanto não neutralizam a crítica

<sup>48</sup> Talassemia, também conhecida como anemia do Mediterrâneo, é uma doença hereditária trazida para o Brasil principalmente pelos imigrantes italianos. Sua principal característica é a produção anômala de hemoglobina.

<sup>49</sup> Foucault, M. Op. Cit. P. 15.

<sup>50</sup> Foucault, M. Op. Cit. P. 16.

de Foucault. Ele não nega a necessidade do recurso a tecnologias, mas mostra que o ambiente hospitalar ainda que necessário, altera profundamente o nicho ecológico da doença e, ainda mais, produz alterações incalculáveis na vivência humana do doente.

Os objetivos das instituições hospitalares são alvo também da crítica foucaultiana. O objetivo manifesto, segundo ele é a cura dos pacientes, mas de fato o objetivo principal é o afastamento de pessoas que atrapalham o cotidiano da sociedade, em especial, do sistema produtivo. Em favor de sua tese, argumenta, no hospital entra muita gente que não está doente. A categoria mais contraditória é das parturientes. Além disso, o hospital pode ser transformado em um laboratório de incubação de vírus e bactérias. Ai está o grave fenômeno da iatrogenese clínica.<sup>51</sup>

Outro autor que segue de perto o pensamento de Foucault é Ivan Illich (1926 - . A sua obra principal, *Némésis Médicale – L'expropriation de la santé*, traça uma visão geral de todo o sistema medical englobando a atividade profissional, o predomínio da técnica, os interesses políticos e econômicos, as questões ética e ambientais. Três pequenos trechos desta obra, certamente, são mais elucidativos:

- a) "O desinteresse profissional, a negligência e a pura incompetência são formas de malefícios velhas como o mundo. Com a transformação do médico artesão exercendo sua habilidade em indivíduos conhecidos pessoalmente, em médico técnico aplicando regras científicas a categorias de doentes, os malefícios adquiriram um novo estatuto, anônimo e quase respeitável".<sup>52</sup>
- b) "Num hospital onde a técnica é complexa, a negligência se torna erro humano aleatório, a insensibilidade, neutralidade científica e a incompetência, falta de equipamentos especializados. A despersonalização do diagnóstico e da terapêutica transferiu as imperfeições do domínio ético para a classe de problema técnico"<sup>53</sup>.
- c) "O ambiente passa a ser visto como um meio artificial e o profissional da saúde como o burocrata que designa a cada um o seu canto".<sup>54</sup>

Duas observações sobre as obras de Michel Foucault e Ivan Illich. Primeiramente, as duas obras foram publicadas há mais de três décadas<sup>55</sup>. Portanto, podem estar superadas. De lá para cá, muitas mudanças aconteceram, para melhor ou para pior. O ponto mais sensível é saber se o aparato científico e tecnológico preserva ou viola a preservação da face humana das pessoas.

Em segundo lugar, não se trata de negar a importância e nem mesmo a necessidade absoluta dos avanços científicos e tecnológicos, mas de saber quem vem em primeiro lugar. A instituição hospitalar deve começar pelo lado humano do doente, ou deve montar uma estrutura para receber os pacientes, a maneira do leito de Procusto. A solução, provavelmente, deverá superar essa oposição construindo uma organização que surge da relação entre os recursos das ciências e as necessidades dos doentes. Para isso será preciso rever os processos de construção dos saberes.

<sup>51</sup> Para reforçar suas idéias Foucault cita José Moscati, médico e cientista italiano, 1880 - 1927: "Observar os doentes ajuda a natureza sem lhes fazer violência e completa com outra citação de Dupont de Némours, economista e político francês, 1739 - 1817: "quem cuida a domicílio adquire em pouco tempo uma verdadeira experiência fundada sobre fenômenos naturais".t

<sup>52</sup> Illich, Ivan. *Némésis Médicale – L' Expropriation de la Santé*. P. 41.

<sup>53</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>54</sup> Illich, Ivan. *Op. Cit.* P. 62

<sup>55</sup> *Némésis Médicale* foi publicada em 1975 e *Naissance de la Clinique*, em 1972.

## 5. Processos de produção dos saberes

Todo repensar do ser e fazer enfermagem depende do saber, enquanto nele está identificado o conjunto de fatores que constituem a enfermagem. Tudo começa pelo saber que se tem do abjeto a ser cuidado, e, também, do que é preciso para realizar o cuidado.

Uma questão que cria dificuldades é estabelecer uma distinção clara entre conhecimento e saber. De fato a distinção deveria ser colocada diferentemente, entre conhecer e saber, entre conhecimento e sabedoria, entre cientista e sábio.

Todos concordam que conhecer não tem o mesmo sentido de saber, que conhecimento não é o mesmo que sabedoria e que cientista não é o mesmo que sábio. Diante disto fica claro que saber é, como pensar, um fenômeno que foge às lógicas racionais, porque é uma ação vital. Todos os seres vivos sabem. Para uns o saber tem o nome de tropismo, para outros, o saber é instinto. Para o ser humano é saber que sabe.

A capacidade de saber que sabe do ser humano possibilita criar processos de produção de saberes baseado na fixação de princípios. Por exemplo, o princípio de causalidade. Mas antes dele, havia admitido o princípio da magia.

Hoje o conhecimento científico é o saber válido por ser considerado objetivo, construído sem a influência da subjetividade, por ser uma condicionante particular. Sendo objetivo ele é uma cópia fiel da realidade.

O conhecimento científico é aceito por se bem sucedido no domínio da natureza e na instrumentalização da atividade humana mais eficiente. Os saberes das ciências humanas e das tradições míticas não oferecem a mesma segurança, mas oferecem outras possibilidades de compreender e interpretar o universo e as relações entre todos os seres existentes.

Lembrando os estudiosos da ciência pode-se concluir que o conhecimento racional ou científico é apenas uma forma de saber, baseado num paradigma, o que não exclui outras possibilidade outros paradigmas..

Uma capacidade de construção de saberes é a intuição, banida pela ciência, juntamente com a subjetividade que é uma fonte pessoal de compreender, de pensar e agir. A sensibilidade é maior fonte inesgotável de saber e de renovar saberes. Os sentidos são os que estão sempre em contato com o mundo que nos circunda. Eles captam diretamente as mensagens enviadas de múltiplas maneiras e por muitos emissores. A voz e a escuta dos sentidos, também, foram neutralizadas pela racionalidade, como fontes de ilusões. Assim o nosso contato com o exterior deixou de ser imediato, mas mediatizado pelas lógicas racionais e pelas representações teóricas.

Uma proposta de superação da epistemologia do pensamento racional, que privilegia os objetos ou os conceitos, foi apresentada por Gregory Bateson ao observar que, geralmente, se afirma que a mão tem cinco dedos, mas, ele lembra que se poderia dizer, há quatro relações. Os cinco dedos formam quatro relações<sup>56</sup>. Martin Buber, por sua vez, fala em palavras-princípios. Assim, escreveu ele, “as bases da linguagem não são palavras isoladas, mas duplas de palavras”, o que significa dizer que “as bases da linguagem não são os nomes, mas as relações”.<sup>57</sup> Seguindo esse roteiro

---

<sup>56</sup> Bateson Grégory. Op. Cit. P. 38.

<sup>57</sup> Buber, Martin, Je et Tu.19.

das relações o que importa não são o enfermeiro e o doente, mas a relação. O saber deveria construir a relação e não o enfermeiro e o doente.

Por fim não seria correto deixar de trazer depoimentos sobre outras formas de saber e de viver, colhidos por antropólogos pesquisadores junto a povos indígenas. Para ser mais fiel ao relato, o mais indicado é transcrever partes do artigo do Prof. José Ribamar: “Wherá Tupá, conhecido como Alcindo Moreira, comemorou seu aniversário de cem anos no dia 25 de janeiro de 2011 – Eu cheguei aos 100 anos, porque tive outra criação, fui educado como um guarani – ele conta. (...) Aprendeu a cuidar do corpo e do espírito com igual atenção. Ainda hoje, acorda com os galos, faz suas orações, conversa e dá conselho aos mais jovens, vai à roça plantar milho, feijão, aipim, batata doce e hortaliças, base de sua alimentação, onde não entra nem sal, nem açúcar.

- As árvores falam. A gente é que desaprendeu e não sabe mais escutar o que elas dizem - afirmou ele. As árvores falam e os guaranis escutam, porque para eles toda a natureza faz parte da sociedade, não está separada da cultura. As plantas, os animais, os acidentes geográficos, os rios, as montanhas, os fenômenos meteorológicos são dotados de humanidade e de consciência.

- Essa terra que pisamos é o nosso irmão, ela tem vida, é uma pessoa, tem alma

- Doença? Não sei o que é isto. Médico fica longe de mim. Me trato com as plantas que cultivo na aldeia, seguindo a sabedoria dos meus antepassados”.<sup>58</sup>

Antes de chegar ao final, já que vai ser um tanto romântica, é importante sublinhar que desenhar o ser e fazer da enfermagem, sob o ponto de vista acadêmica, pode ser fácil porque os procedimentos científicos preferem isolar os fenômenos e o cenário fica idealizado. Entretanto no cenário da vida cotidiana entra em ação um elenco de fatores de diferentes naturezas, seja nas atividades de saúde preventiva ou curativa. Os fatores econômicos e políticos, sem dúvida nenhuma, pontificam esse cenário. Sob o Ponto de vista econômico, há limitados investimentos públicos, de uma parte. Por outro lado há uma forte presença de interesses privados. Quando à questão política, os interesses do Estado voltam-se mais para investimentos lucrativos e de domínio das riquezas existentes no planeta. Fica difícil entender como um país investe mais de um trilhão de dólares para fazer e financiar operações bélicas. Além de não promover a erradicação da pobreza e do analfabetismo contribui enormemente no aumento de feridos, órfãos, mutilados, desequilibrados psíquicos. O ditado dos imperadores romanos, se queres a paz prepara a guerra (si vis pacem para bellum), nunca garantiu a paz, mas mais guerras. Infelizmente, hoje, esse milenar ensinamento, é proclamado, pelos que se arvoram em senhores do mundo, com essa fórmula: às vezes a guerra é necessária para garantir a paz”. Que paz? A dos cemitérios?

## CONCLUSÃO

Uma conferência, que tem o sugestivo tema: Repensando o ser e fazer enfermagem na contemporaneidade, não pode declarar a tarefa encerrada. Quando muito ser a última tarefa acadêmica da XI Jornada, mas nunca em relação à vida

---

<sup>58</sup> Freire, José Ribamar Bessa. Wherá Tupã: o pajé que fala com árvores. Revista Eletrônica, Terra Magazine. Abril de 2011. O autor é prof. da UERJ e coordena o Programa de Estudos dos Povos Indígenas.

cotidiana e aos compromissos com a enfermagem. O ser humano não é apenas ser vivo, mas um ser vivente. A característica do ser vivo é a vida, a característica do ser vivente, é viver, isto é desenvolver as potencialidades da vida e controlar seus limites de maneira continuada. Em relação ao pensamento, Pascal afirmou que o homem é um ser pensante, isto é, aquele ser cuja especificidade é pensar continuamente.

Então como conclusão, sem concluir, o mais coerente é retomar a opção metodológica, apresentada na introdução, pelo paradigma poético. Por isso, poderá ser mais romântico do que prático, a partir de duas idéias.

## Arte

A palavra arte, desde suas origens, é uma criação (poesis) do imaginário, em oposição à ciência (epistheme) que é representação do real. A seguinte definição descritiva reúne arte e ciência: “Enfermagem é a arte de cuidar e a ciência cuja essência e especificidade é o cuidado ao ser humano, individualmente, na família ou em comunidade de modo integral e holístico, desenvolvendo de forma autônoma ou em equipe atividades de promoção, proteção, prevenção, reabilitação e recuperação da saúde. O conhecimento que fundamenta o cuidado de enfermagem deve ser construído na intersecção entre a filosofia, que responde à grande questão existencial do homem, a ciência e tecnologia”

Tudo indica que a arte e a ciência estão unidas respeitando a condição humana. Cada uma tem sua contribuição específica em favor do ser humano.

Uma nova citação em favor da arte. Ryad Younes, médico e docente da USP, fez, num artigo, um depoimento pessoal emotivo do qual foram retiradas curtas passagens. “Mal conseguia esperar para iniciar a arte e o sacerdócio de aliviar as dores e curar as doenças do meu próximo”. (...) “Estou na medicina há trinta e dois anos, mais precisamente cuidando de doentes com câncer (...), neste período, tive contato com a medicina real, e os colegas médicos de carne e osso. A arte e o sacerdócio da medicina continuam lá, mas encontrei poucos, muito poucos, artistas e sacerdotes”.<sup>59</sup>

Uma curta observação sobre a figura de sacerdote. Há algum tempo, não tão distante, se fazia a comparação entre o médico e o sacerdote, um cuidava do corpo, o outro, da alma. Sacerdote, neste caso, mais que oferecer sacrifícios, é aquele que é dotado de lidar com o sagrado, com o mistério, no sentido de Gabriel Marcel, enquanto o médico trabalha com o científico.

Uma idéia, que circula entre os escultores desde muito tempo, revela que: “o escultor não inventa nada. A figura está dentro do bloco de mármore, ele só retira os excessos, aquilo que ao oculta. E Enrico Bianco, discípulo de Portinari, afirmou: “O quadro nunca fica completo, eu poderia continuar ao infinito, paro por conveniência”. Essas duas citações poderiam mostrar que o ser e fazer enfermagem estão no interior das necessidades humanas de saúde, que nunca ficaram completamente definidos, porque surgem novas e diferentes necessidades.

---

<sup>59</sup> Riad Younes, artigo Revista Eletrônica Terra Magazine, março de 2011.

## Sensibilidade

A sensibilidade em seu sentido original significa experimentar emoções com os outros em todos os domínios da vida humana, inclusive na esfera do trabalho. A sensibilidade torna o ser disponível. Por isso “o ser verdadeiro é participação, é disponibilidade, júbilo, esperança, amor e fidelidade”.<sup>60</sup>

O cuidar, inspirado na sensibilidade, necessita da harmonia entre razão e emoção para que o cuidar do outro, isto é, o atendimento ao paciente, também se torne uma conduta técnica e afetiva. Nenhum paciente dispensa competência científica e técnica do enfermeiro, mas sem dúvida, todos complementaríamos a competência profissional com as cores das emoções.

Entre uma presença robotizada, e uma presença familiar; entre uma mão que se movimenta tecnicamente e a mão que, além disso, é capaz de afagar; entre um rosto fechado, sisudo e distante, e um rosto tranqüilo, iluminado e confiante; entre um olhar severo e autoritário, e um olhar expressivo e comunicativo, todos percebem e, acima de tudo, sentem a diferença.

O saber que vem dessa percepção sensível, Eistein resumiu num um termo de um significado sem correspondente. *Figerspitzengefühl.*, que significa o saber que entra pela ponta dos dedos.

A sensibilidade entra em todos os atos humanos, infelizmente, a educação escolar investe pouco no cultivo da sensibilidade, prefere concentrar-se no desenvolvimento da racionalidade, embora esta também seja uma forma de sensibilidade, mas presa numa lógica intransigente.

A arte é uma das grandes reservas de sensibilidade, seja do artista, seja do admirador. Os fatos revelam mais a sensibilidade do que as explicações. Por exemplo, a fotografia, que se tornou uma atividade mais comercial do que artística, na mão de um fotógrafo como Henri Cartier Bresson se torna uma arte de infinita expressividade. Para isso aconteça, diz Bresson, é preciso encontrar o ponto luminoso. Quem vê o ponto luminoso pode registrá-lo tanto com uma digital, quanto com uma latinha furada de leite Nestlé.

Outro fotógrafo, entre muitos, foi Kevin Carter. Todos se lembram da famosa fotografia registrando um momento trágico da miséria no Sudão. Uma criança, vítima da fome, já encolhida numa posição fetal, a alguns metros, tinha a presença de um urubu pronto a atacá-la. Um triste encontro do ponto luminoso que rendeu o prêmio do jornalismo norte-americano, o Pulitzer, a Carter, que, mais tarde não suportou o peso da depressão, acabou se suicidando..

O caminho do ponto luminoso se alcança, segundo Henri Bresson, quando se compreende que fotografar é colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração”<sup>61</sup>

Perdemos a escuta das árvores e da natureza, segundo nos lembrou o pajé Tupã. Mas podemos ir mais longe nesta perda de sensibilidade. Neste sentido, o título de um pequeno artigo, *Pior que os animais*, chamou a atenção. Começa dizendo que os animais podem ter algum sentido ou qualidade melhor que o ser humano como ou

<sup>60</sup> Buber, Martin Op. Cit. P. 20

<sup>61</sup> Bresson, Henri Cartier, 1908-2004, fotógrafo francês considerado um dos mais importantes fotógrafos do século XX, conhecido, também, como ‘

audição, visão olfato. Isto não nos inferioriza, porque somos dotados de consciência. Entretanto esta capacidade pode nos piores que os animais ao: “organizar guerras, violência, ter prazer na dor e na morte. Somos o animal que pode ficar louco. Não basta consciência é preciso, sensibilidade e compaixão”.<sup>62</sup>

Konrad Lorenz em seu livro, *Der Abbau des Menschlichen* (A demolição do humano), afirma que “A capacidade do médico, a arte e a técnica do veterinário (acrescentaria a arte e a técnica da enfermeira), e a mais importante capacidade do ecólogo regional consistem no fato de perceberem, inicialmente de modo não racional, fundando-se puramente na sensação, que ‘algo está errado’ com o sistema. É a esta característica, justamente, que se costuma chamar de ‘o olho clínico’ do médico experiente”. A seguir Lorenz lamenta que este olhar clínico tenha sido relegado a um segundo plano e a nossa percepção possa ser substituída por computadores e análises laboratoriais.<sup>63</sup>

O paradigma poético, provavelmente, não chegue a uma conclusão clássica, mas deve concluir poeticamente. Concluir poeticamente o que significa repensar, pode ser com

Antônio Machado:<sup>64</sup>

Caminante, son tus huellas  
el camino, y nada más;  
caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar.  
Al andar se hace camino,  
y al volver la vista atrás  
se ve la senda que nunca  
se ha de volver a pisar.  
Caminante, no hay camino,  
sino estelas en la mar.

Caminhante, são teus rastros  
o caminho, e nada mais;  
caminhante, não há caminho,  
faz-se caminho ao andar.  
Ao andar faz-se o caminho,  
e ao olhar-se para trás  
vê -se a senda que jamais  
se há de voltar a pisar.  
Caminhante, não há caminho,  
somente sulcos no mar.

A última palavra para saber como se constrói o ser e fazer enfermagem pode ser aplicar na enfermagem a técnica que Henri Cartier Bresson sugeriu para quem quer fotografar: colocar na mesma linha de mira, a cabeça, o olho e o coração.

Silvino Santin

Santa Maria, 23 de maio de 2011.

---

<sup>62</sup> Correio Riograndense, Caxias do Sul, 18.05.2011.p. 20

<sup>63</sup> Lorenz, Konrad. *Der Abbau de Menschlichen*. Tradução correta: *A Demolição do Humano. E não a Demolição do Homem*, acrescida o subtítulo, *Crítica à falsa Religião do Progresso*. P.

<sup>64</sup> Ruiz, Antonio Cipriano José Maria y Francisco de Santa Ana Machado, conhecido como Antonio Machado (1875 – 1939) foi um poeta espanhol dos mais celebrados.